

# O Progresso Catholico

REVISTA RELIGIOSA, SCIENTIFICA, LITTERARIA, ARTISTICA E NOTICIOSA

## SUMMARIO

O SEMINARIO PERANTE O SECUVO XX, pelo P.º Senna Freitas. — SECÇÃO RELIGIOSA: *O Jesuita*, por Francisco Bañalina; *Uma profecia de Pio IX*, da *Revista Popular*. — O MONUMENTO DO SAMEIRO E O P.º MARTINHO, por M. — SECÇÃO LITTERARIA: *Grinalda a Maria*, por Y; *A Cigana*, por D. Maria del Pilar Sinues, versão de J. de Freitas, (continuação). — SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA: por F. de Guimarães. — RETROSPECTO DA QUINZENA, por J. de Freitas.

GUIMARÃES, 30 DE JUNHO

### O Seminario perante o seculo XX

(AO ALTO E AO BAIXO CLERO)

A gangrena moral vai ganhando progressivamente Portugal. O ambiente que nos rodeia está impregnado de putrefacção. O paiz decompõe-se como o cadaver e reduz-se pouco a pouco a um montão de guano. Nada de genís illusões; a verdade descarnada é esta. O theorema social caminha, e postos os principios deleterios, repugnantemente realistas que norteiam a sociedade contemporanea, os corollarios praticos vão-se desdobrando fatal e regularmente. Os nossos costumes, por consequencia, offerecem com uma ostensibilidade cada vez mais pungente os espectaculos de cynismo e de glacial indifferença religiosa que por ahí campeam.

Onde a redempção social, onde a salvação do paiz?

Digamol-o já; a salvação do

nosso paiz, como de todos os paizes, está no clero; não no clero da geração que se extingue com o seculo XIX expirante, mas do clero que se educa, que se inicia nos bons seminarios e que abre um espirito melhor retemperado, um coração avido de iniciativas generosas ás regenerações do seculo XX que se aproxima. A salvação da sociedade portugueza está, dizemos, no clero, porém não no clero alquebrado e decrepito, que se sobrevive a si proprio e vegeta na inutilidade depois d'um passado inglorio; não no clero dyscolo, que se nega ou se abdica nas profanidades de um viver mundanissimo, gravido de ignobilidades, e nas fainas eleitoraes de uma politica esterelisladora para a religião, politica só propria para lhe alienar espiritos, alienando-o do seu mandato unico e sublime.

Nos seminarios residem as melhores esperanças da Igreja e da sociedade portuguezas. Alli incubia a moralisação e a christianisação futura do paiz, alli demoram as nascentes caudaes do clero catholico *as you like it*, alli se sementam os germens da rehabilitação de uma classe arreada, ha muito, da sua sobranceira dignidade. Alli se desbasta, se aligura, se cinzela, e pue o marmore do sanctuario, arrancado à pedreira da familia, para transfigural-o n'essa estatua viva do sacrificio e da dedicação, destinada a habitar o *sancta sanctorum*, e que se chama *um sacerdote*. Eu sei que fallo mais do seminario *de direito* do que do seminario *de facto*, todavia nem por isso deixo de aculentar a fa-

gueira esperanza de que elles se unificarão de geito que o segundo será precisamente a expressão do primeiro.

Já não é mediocrementemente consolador o que os nossos Prelados teem feito e estão fazendo para melhorarem as condições scientificas e moraes dos seus seminarios. Alteon-se o nivel da educação ecclesiastica, cujo estalão era baixo e baixo de mais para a epocha de ataque e de refrega que atravessamos. Exige-se maior cabedal de conhecimentos do padre do que n'outr'ora. E'-se mais severa nos exames, faz-se a vista mais miuda ás provas da nossa sciencia privativa. Entendem-se em boa hora e por uma vez, que o padre não pôde d'ora avante impor-se a um seculo sem fé senão pelo dobre prestigio do saber, prompto a arcar com todos os sophismas, e da virtude, capaz de embotar todos os venabulos de uma impiedosa maledicencia. Já se reclama por indispensavel e essencialissimo esse passaporte de entrada chamado a — legitima vocação —, sem o qual o sacerdocio é um mister usurpado e o character que lhe anda annexo uma perpetua e sinistra consagração de uma vida de opprobrio, ou uma blasphemia em acto.

Sob estes respeitos, não ha para que queixar dos Prelados portuguezes em geral. Chegaram finalmente a comprehender que os seminarios são o grande capital das suas dioceses, o precioso viveiro dos seus operarios natos, e que, por isso mesmo, lhes devem merecer o primeiro emprego da sua sollicitude pastoral.

Comtudo, é certo que esses viveiros deixam ainda muito a desejar para poderem ser postos em parallelo com os de França e mesmo da Italia. O nivel não é por ora assaz alto, e deve sel-o, porque em vão quereremos possuir um sacerdocio como o francez, se não envidarmos os mesmos processos. Do que menos ainda hoje se cura é, infelizmente, da educação *propriamente ecclesiastica*. O tyrocínio intellectual faz o homem da sciencia, mas nada mais, o tyrocínio moral, especificamente clerical faz o padre. Aquelle sem este é a miude um escolho fatal, este sem aquelle é uma disformidade outrosim perigosa, reunidos e entramados constituem a harmonia, o esplendor do presbyterato. Não se eduque a intelligencia do padre á custa da sua alma, não se entenda nunca que a sciencia pode jámais fazer perdoar o vicio, ou lhe seja triaga efficaz. Dê-se, por conseguinte, maior margem aos exercicios e aos processos que tendem a fomentar no sacerdote o espirito de piedade, que lhe communicam aquella rija tempera moral que o torna inquebrantavel aos choques, por vezes formidaveis, de um seculo cada vez mais corrupto e corruptor.

E' aos nossos bispos qui reverentemente nos dirigimos.

Nós consultamos o thermometro das crenças e costumes da nossa sociedade portugueza, e observamos com magoa que elle marca á sombra poucos graus acima de zero. Tenhamos já agora a facil coragem e sinceridade de declarar que o nosso clero tem sido em certa maneira cúmplice d'esta temperatura desabrida. Sim, cúmplice em alto grau, sem embargo de outras causas que teem concorrido para produzir o mesmo resultado. Negal-o fôra mais que usar inutilmente de má fé para com o publico, fôra uzar de má fé para conosco. O nosso passado teem tido auréolas mas teem tido espessas sombras;

outro tanto digo do nosso presente. A nossa noite tem sido larga como a dos polos, e não ousou afirmar que o nosso dia o seja igualmente.

Apezar d'isso, sem pretender entomar-me em advogado, a todo risco, dos meus collegas, não sou dos que poem os olhos em alvo perante as degradações por vezes profundas a que resvalam aquelles que deveram ser a luz do mundo e o sol da terra. Voto-lhes todo o lucto da minha alma, entendo que são ellas immensamente para deplorar, mas não me espantam tanto como a alguns.

O padre é nem mais nem menos que a equação do tyrocínio ecclesiastico que recebeu no seminario. Ora muitos não o tiveram, e os que o tiveram, como é que foram educados? que teem sido os seminarios até hoje em Portugal? Pouco mais do que pateos de theologia e officinas de misseiros ou do que postos clero-burocaticos, onde se authenticavam titulos que por muitas vezes não passavam de «titulos colorados». Conferido o character official, pouco fazia que debaixo d'elle não houvesse uma vocação positiva, uma intelligencia illustrada, uma virtude solida. Permittia-se o externato, a lepra do externato, isto é, permittia-se que o candidato ao sacerdocio apenas cursasse as aulas do seminario sem obrigação de habitar sob o seu tecto n'uma especie de semi-reclusão indispensavel. (Assim ainda pelos annos de 56, 57, 58 no seminario de Santarem, quando eu alli frequentava os preparatorios. O restante da educação religiosa podia perfazel-o cá fóra. Para a scientifica havia o pateo, para a sacerdotal havia a escola secular do grande mundo, o theatro, o restaurante, o botequim, a esquina, o convivio edificativo da estudantada dos lyceus, e dos Tenorios, a noite e as suas vigílias de orgia.

Educação adequada!! Cultivava-se só metade do padre; arrosteava-se-lhe o entendimento, e deixava-se que no coração baldio pullulassem tojaes de ignobeis vicios, com que mais tarde se basteceriam os escandalos do sanctuario. Dava-se-lhe alguma luz, e a excellente salina do mundo que o fizesse o sal da terra.

Tenho fallado no preterito, mas parece-me que é um preterito que se prolonga até o presente, ao menos n'alguns seminarios.

Pretendo proseguir este assumpto ainda no numero seguinte. A sua importancia a ninguem é escura.

P.º SENNA FREITAS.

## SECÇÃO RELIGIOSA

### O JESUITA

O eterno pezadello do impio é o jesuita e tudo quanto tem com elle relação. Não é raro encontrar quem olhe com indifferença para um padre, mas que não póde ver, que não póde conter sua ira em frente d'um filho de Santo Ignacio

E' que o jesuita, para o impio, tem uma significação que o atormenta.

Não ha seita, não ha heresia, que não dispare os seus primeiros tiros contra a Companhia de Jesus; mas este odio encarnigado, esta perseguição injusta de que é objecto, constitue o melhor e o mais completo dos seus elogios.

E d'onde nasce esse espirito de opposição, esse systema de lucta contra os jesuitas?

Quando no seculo XVI, o grito de revolta, foi soltado pelo funesto apostata Lutero, todas as nações mais ou menos oscillaram em seus alicerces. e não será de mais o dizer-se que, graças ás disposições dos povos e progressos d'aquella epocha, jámais heresia alguma contara com tantos elementos e com tantas provabilidades de triumpho contra a Igreja de Jesus Christo Deus, que ao fundal-a promettera estar com ella té á consummação dos seculos, não deixou passar muito tempo sem que lhe desse um meio de defeza contra os mais bem dispostos ataques.

Do fecundo solo hespanico, d'essa terra fidalga, d'onde seculos antes ha-

via surdido um Domingos de Gusmão para suplantar os Albigenses, levantou-se então um homem, cuja memoria, galgando os seculos, havia de ser a gloria do catholicismo e o terror da impiedade, e cuja obra solidificada pela força de sua doutrina admiravel e abençoada pelo eterno, ousa conservar-se sempre em pé desafiando a Reforma.

Conhecedor da arte militar, quiz militarmente constituir uma milicia para a lucta a que a destinava, chamando-lhe *Companhia* e dando ao seu superior o mando geral. D'aqui essa unidade que nós hoje, passados quatro seculos, ainda admiramos, e que é o mais solido fundamento para a sua perpetuidade.

Entre muitos e nobres fins que a Companhia tem a cumprir sobre a terra, pôde dizer-se que o principal é combater o protestantismo; e abstrahindo de todas as mais, a existencia de jesuitas deve durar tanto quanto as seitas protestantes.

E', pois, o jesuita um soldado aguerrido do Christianismo, prompto sempre para a lucta sem treguas nem descanso, e que é sob estas condições que elle existe sobre a terra, bem alto o diz o seu viver, admiravel a todos os respeito. Pela obediencia promettida no acto da profissão, pôde o superior envial-o onde melhor lhe parece conveniente; e o jesuita, sem mais bagagem que o seu breviario, está sempre prompto, para sem difficuldade cumprir quanto se lhe ordene. E é por isso que o jesuita tem sobre os impios as mesmas vantagens que os soldados macedonias tinham sobre os persas: aquelles não tinham por bagagens mais que o ferro e aço de suas armas, emquanto estes ostentando um fausto e uma pompa admiraveis com seus carros e pasadas equipagens, se sentiam como que peados em meio da peleja.

Por outra parte, conhecedor o jesuita, como ninguem, das necessidades da sua epoca, procura, por meio d'um estudo aturado, ser o primeiro a acudir a ellas, merecendo assim os aplausos e a amizade de todos os homens serios. Com sua infatigavel actividade tem conseguido percorrer todas as espheras do mundo intellectual, e descobrindo milhares de segredos occultos na natureza, tem dado as sciencias novos e desconhecidos horisontes.

Um estudo profundo do coração humano, levou-o á prefeição de poder dar a cada um e que lhe compete; e é por isto, que n'essa gloriosa instituição, todos os membros são notaveis, porque cada um ocupa o lugar que lhe é proprio, e com a admiravel e nunca desmentida ordem que rei-

na entre elles, todos concorrem para a realisação d'um mesmo fim.

Não ha cousa alguma sobre que a attenção do jesuita se não haja fixado.

Nada ha que mais enfrie os imptos do soldado em meio dos combates, de que as fadigas; e é por isso que o jesuita está constantemente em movimento. A' facilidade com que se move, deve muitas vezes o livrar-se dos golpes que os contrarios lhe dirigem, assim como apparece de repente em logares onde não era esperado, onde espalha o terror entre inigos e a confiança entre amigos.

Pela novidade de sua aparição commove, e como é breve a sua permanencia, nada teme.

O valor indomavel, a sciencia universal e virtude acrisolada, constituem a aureola tres vezes fulgida dos filhos de Loyola, e o fazem ser a guarda esforçada da Egreja de Jesus Christo.

Tal é o jesuita, traçado a largos rasgos; tal é o homem de sotaina e breviario, que tanto inquieta a impiedade.

A soldados d'este genero não se resiste frente a frente, razão porque os contrarios, impotentes ante tão terriveis batalhadores, procuram a calumnia para os vencer. Se o impio soubesse o que é lealdade, primeira condição, por isso que a mais essencial para a lucta, saberia respeitar o jesuita, como todo o homem serio sabe respeitar o valor de seu adversario; mas o odio, o afam com que deseja vingar-se, arrasta-o a commetter tantas elegalidades, quantas lhe sogere sua cobardia.

Donde nasce esse espirito de opposição que o jesuita encontra por toda a parte? E' o que vimos de demonstrar. Sendo o intento dos homens, que se acham separados de Christo, destruir e aniquillar a sua santa Egreja, o que mais os encommoda é a vanguarda jesuitica, esquadrão ligeiro e formidavel, que não lhes deixa uma hora de repouso.

Bem desenganados poderiam estar já os perseguidores do jesuita, convencidos da inutilidade de seus esforços; poderiam depor as armas da calumnia, deixando viver em paz o melhor amigo, o mais fiel aliado das nações.

Não foram, não são ainda hoje os jesuitas, que sulcando os mares desconhecidos com notavel intrepidez, levam o estandarte da cruz ao centro de paizes selvagens, e com ella a bandeira das nações que os enviaram?

Não são elles os que formam em seus collegios os mais honrados, os mais virtuosos cidadãos, dispensando-lhe a instrucção religiosa e scientifica? Não haverá quem isto possa ne-

gar, porém elles teem a *desgraça* de ser o camartello do erro, o perseguidor do vicio, o atleta esforçado da religião catholica, e isto lhe basta, para que aos olhos do atheu, sejam os homens mais despreziveis da terra.

Que são para o homem que não crê em Deus todos os beneficios que o jesuita offerta á humanidade, se com suas palavras condemna a vida desregrada e inamoral do descrente?

«Não queremos os beneficios, diz o incredulo, das mãos do jesuita, preferimos viver sem esses beneficios, mas sem a presença d'esse homem que nos atormenta.»

Melhor lhe fôra exclamar:

«A missão do jesuita é fazer bem á humanidade, e sendo o maior bem que lhe pôde fazer, dar publicidade aos nossos erros... não queremos jesuitas!»

E apoz este grito a calumnia, a expulsão, a injustiça, a barbaria.

FRANCISCO BANHATINA.

## UMA PROPHECIA DE PIO IX

Treme a gente ao ouvir o que se está passando em S. Petersburgo e todavia ainda estamos no principio. Os nihilistas annunciam com effeito publica e solememente que querem fazer da capital da Russia o que Nero fez de Roma.

Mas os attentados abominaveis que todos conhecemos foram precedidos de crueldades não menos atrozes e espantosas. Só no anno de 1863 foram exilados para a Siberia e para o interior da Russia 80:000 polacos, 6:000 foram condemnados a trabalhos forçados, 360 enforcados e 946 assassinados traiçoeiramente. A Polonia, Lituania, a Volhinia, a Podolia e o governo de Kiev tiveram de pagar de mais 8:328 milhões de reales de contribuições extraordinarias e o governo russo n'essa occasião apoderou-se de mais de 2:700 propriedades.

Fez-se mais: todas as bibliothecas foram destruidas, foi prohibido debaixo de não pequenas multas o fallar polaco e cubrir luto, era forçoso descobrir-se quando passava o general Berg, commandante das tropas russas; todos os bens dos ausentes e dos desterrados foram confiscados, a religião catholica foi perseguida por todas as maneiras imaginaveis, os bispados e os seminarios catholicos entregues nos schismaticos, os proprietarios obrigados a pagar impostos extraordinarios para a construcção d'egrejas schismaticas, e os sacerdotes catholicos eram encarcerados por qualquer pretexto ou mesmo sem elle e para as suas paro-

chias d'elles eram enviados *popes* ou curas schismaticos.

Pio IX pronunciou em 24 de abril de 1864 um solenne discurso em que condemnou aquella feroz perseguição. O grande Pontifice protestava «contra esse soberano poderosissimo na Europa, mas que não era catholico e que tomando como pretexto uma revolta imprudente da parte dos seus subditos, intentava destruir pelos alicerces a fé catholica n'aquellas estados onde se verificára a insurreição.» Exclamava o heroico Pontifice: «não é assim, não é perseguindo o catholicismo que se consolida a fidelidade aos principes da terra; esta fidelidade é filha da justiça, d'aquella justiça que manda aos filhos da Igreja Catholica, como strieto dever de consciencia que respeitem todas as auctoridades humanas legitimamente constituidas. Não é só iniquo, é uma aberração lastimosa perseguir o Catholicismo querendo suffocar uma sublevação.»

Tres mezes depois o mesmo soberano Pontifice publicou a encyclica *Ubi Urbaniano in Collegio* dirigida aos Arcebispos, Bispos e ordinarios do reino da Polonia e imperio da Russia. N'esta encyclica declarava que bem sabia de testemunhos numerosos e dignos de todo o credito que era mui certo que o governo russo perseguia a Igreja, seus ministros e fieis; enumerava os religiosos expulsos dos conventos que eram convertidos em quartéis; os Bispos desterrados e a multidão de catholicos do rito grego obrigados a submeter-se ao schisma ou de schismaticos impedidos de sair d'elle, os catholicos do rito latino arrancados á Igreja por meio dos matrimonios mixtos, e finalmente os orphãos que sob pretexto de tutela eram levados a regiões distantes onde se lhes fazia perder a fé.

O valoroso Pontifice falava n'esta encyclica d'esses innumeraveis catholicos de todos os ritos, sexos, edades e condições condemnados a trabalhos durissimos em solo estrangeiro, e de mil outras crueldades praticadas pelos russos contra os pobres polacos sem motivo nem razão alguma.

As lagrimas corriam pelas faces do Papa e citava as palavras do Espirito Santa dirigidas aos reis no livro da Sabedoria:

«Porque de Deus recebestes o poder e do Altissimo a força o qual examinará as vossas obras e esquadrinhará os vossos pensamentos.

«Porque sendo ministros do seu reino não julgastes rectamente, nem guardastes a lei da justiça, nem andastes segundo a vontade do Deus.

«Com horror e depressa se vos mos-

trará que um juizo rigorosissimo ha de ser feito aos que governam.

«Ao pequeno é concedida a misericordia, mas os poderosos padecerão tormentos.» (Sab. IV. 4. 7.)

Pio IX continuava: «conjuramos tambem todos os principes da terra e lhes supplicamos com toda a effusão do nosso coração, que considerem e comprehendam que, desde que o povo se aparta da nossa santissima religião e dos seus salutaes ensinios, e desde que para chegar a este resultado se lhe prohibe communicar com esta Santa Sé, os erros mais perniciosos e os vicios mais detestaveis o arrastam e depravam: succede que este mesmo povo perdido já o temor de Deus e os sentimentos de piedade, e rechaçado o suave jugo da religião e da obediencia que se deve a Deus, á Igreja e ás leis, perdido tudo isto, *cai miseravelmente n'uma desenfreada licença e caminhando na impiedade segundo as suas paixões, despreza a auctoridade, blasphema dos reis, rebella-se contra os principes e recusa obedecer-lhes.*»

Estas palavras da encyclica de julho de 1864 talvez que então fizessem rir os cortezaos de S. Petersburgo, porém não estão hoje os acontecimentos demonstrando que a prophesia se vai cumprindo?

Nós em troca podemos dizer e afirmar com orgulho que entre os malvados que agitam actualmente o imperio russo não ha nenhum polaco. Os polacos por tão largo tempo e tão injustamente perseguidos gemem ao ver a perseguição a que está condemnado o Imperador de todas as Russias por seus proprios subditos, pelos seus mesmos correligionarios, e se podessem servir-lhe-iam de escudo com o seu peito.

Aprendam pois os imperadores e os reis que não são os catholicos aquelles de quem teem que temer, e que cedo ou tarde se pagam as offensas que elles, poderosos, commettem ou deixam commetter contra a Igreja.

(Da Revista Popular de Barcelona).

### o Monumento do Sameiro e o Padre Martinho

Nestes tempos, em que o reconhecimento e a gratidão para com os grandes homens parece começarem a dispartar em corações portuguezes, bem avisado andou o *Commercio do Minho*, pedindo á illustre commissão do Sameiro para collocar em o novo templo uma lapide commemorativa, em memoria do iniciador d'aquellas obras,

o nunca olvidado Padre Martinho Antonio Pereira da Silva.

Se os nossos antepassados chegaram por vezes, a deixar na sombra do esquecimento os nomes dos cidadãos benemeritos da religião e da patria, bom será que não imitemos, n esse ponto, o seu exemplo, aliás digno de imitar-se a outros respeito.

Os grandes homens devem lembrar sempre; e o Padre Martinho era-o pela sua virtude, saber, zelo e actividade.

E' forçoso que o seu nome se involva com a historia d'esse monumento, que tem d'apregoar atravez dos seculos o facto mais notavel dos nossos dias — a *definição dogmatica da Immaculada Conceição*; monumento que jámais existiria, se não fôra partida a iniciativa de tam piedoso como respeitado varão.

Os cavalheiros que compõe a commissão do Sameiro são datados dos mais nobres sentimentos para que não deixem de pagar este testemunho de gratidão e estima a um dos filhos mais prestantes da Roma Lusitana.

Confiemos, pois...

M.

## SECÇÃO LITTERARIA

### GRINALDA A MARIA

A Ti o raiar da aurora,  
a Ti a brisa fagueira,  
a Ti a mansa ribeira,  
a Ti frondoso rosal!  
A Ti cravos e açucenas;  
a Ti prados e boninas,  
a Ti formosas campinas,  
a Ti os lirios do val!

A Ti das aves os cantos;  
a Ti flôr's, a Ti perfumes;  
a Ti da rola os queixumes,  
a Ti os raios do sol!...  
A Ti do mar as conchinhas;  
a Ti da tarde o ocio;  
a Ti requebros a fio  
o saudoso rouxinol!...

A Ti a lympa do lago;  
a Ti da pomba a brandura;  
a Ti oiro e prata pura,  
a Ti o bello rubi!  
A Ti dos astros o brilho;  
a Ti a virente relva,  
a Ti a soidão da selva...  
a Ti gloria, a Ti, a Ti!...

A Ti suspiros o nauta;  
a Ti do infante os vagidos;  
das virgens os votos fidos...

a Ti sublime canção!  
A Ti da fructa a harmonia,  
a Ti da lyra os encantos;  
a Ti sonoros quebrantos...  
a Ti nossa gratidão!

Guimarães.  
maio de 1880.

Y.

## A CIGANA

POR

D. MARIA DEL PILAR SINUES

Versão livre

DE

J. DE FREITAS

(Continuado do n.º antecedente)

—Não poderia, doutor, ir preparando-a, como eu fiz com meu pai antes de lhe apresentar Julia?— perguntou Roberto.

—Isso não é possível; porque o conde estava já predisposto pela alegria de haver-vos encontrado, emquanto que a condessa está submersa em profundo abatimento.

E, ditas estas palavras, o doutor quedou-se outra vez pensativo, e meditando, durante alguns instantes, emquanto o conde e seus filhos lhe espiavam com angustia o semblante.

—Vamos,—disse depois de haver meditado um pouco—parece-me haver encontrado um meio magnifico.

—Um meio magnifico?—preguntaram ao mesmo tempo os tres.

—Sim! Esta noite, quando o quarto da enferma estiver apenas alumiado pelos froxos raios da luz da pequena lamparina, o sr. conde collocar-se-ha a um lado do leito; sua filha do outro lado e Roberto e eu a pouca distancia, para ajudar a sua memoria,

—E' certamente um pensamento admiravel,—exclamou o conde—porém, meu Deus! poderei esperar tantas horas para ver minha mulher?

—Não vejo outro remedio, senhor conde; obrar ligeiramente, em questão tão melindrosa, seria causar a morte da enferma.

—Obedeceremos,—respondeu o conde—e Deus queira que o resultado desta prova, porque vamos passar, seja satisfactoria. Deus queira que a minha pobre Julia possa allim encontrar sua mãe, para jámais d'ella se separar.

O conde abraçou de novo seus dois filhos, que lhe devolveram suas

caricias com o mais terno affecto e amor filial.

### XI

Emquanto se davam os acontecimentos que deixamos narrados no anterior capitulo, onde se refugiára Edmundo, ou antes Valleria, o formosa filha da opulenta marquezza de Val-de-flores?

Para a encontrar, leitora minha, força é que desçamos ao jardim, e a procuremos no mais escuro de seus bosques.

Quando Roberto e Julia, com as almas a trasbordar d'alegria por se haverem encontrado, se encaminharam para o quarto em que o peregrino se achava, Edmunda sentiu se estreitada pelos braços da marquezza, que, como já dissemos, havia presenciado a conversação dos tres jovens; porem a ira, o despeito em que ardia sua alma, não deixaram que ella accceitasse reconhecida a affectuosa solicitude de sua mãe.

E' que aquella creança, selvagem quasi, creada, desde a idade de quatro annos, nos aduares dos ciganos, dormindo ao ar livre em meio dos campos durante o estio, e no inverno no abrigo de miserias pousadas; aquella creança, que por unica occupação tivera o bailar ao estrepito do seu pandeiro em meio das ruas das povoações sertanejas, e o cantar, ao mavioso harpejo da sua guitarra ás portas das tabernas; aquella creança forte, rude, violenta não podia amar tão de repente aquella mãe ollegante, culta e formosa, ostentando toda a magestade do talento e da fortuna.

Era preciso antes que a civilização penetrasse n'aquella natureza de quatorse annos; n'aquella natureza que já tinha impressões suas, fortes e atrevidas, livres, como o seu pensamento, e como até então havia sido o seu destino.

Edmundanda não correspondia de forma alguma ás caricias de sua mãe. Em sua alma erguia-se a chamma ardente do odio, da inveja contra Julia, que era tão formosa, que vestia com tanta riqueza e que era, alem de tudo, irmã de Roberto; contra Roberto que desde a apparição de Julia, não tivera um olhar que offerter-lhe; contra aquella mãe exigente, que não queria deixal-a, que não a perdia de vista, e de quem os braços a apertavam a cada instante como um laço oppressor.

Oh, educação! palavra santa, e o mais santo dos preceitos que Deus impoz ás intelligencias! Quão grande é o teu poder, e que de immensos beneficios te deve o humanidade! Santa deidade que afogentas, que desfazes as grossas neblinas da materia, que puri-

ficas o entendimento, que inobreces os instinctos e das expansão e brilho ás mais bellas, ás mais formosas qualidades da alma! Bemdita sejas, e que te bemdigam todos os jovens que vivem sob o manto incomparavel de tuas riquezas! Sem ti, tudo são trevas, tudo é miseria, e a propria virtude, é mais bella se tu a envolves em teu manto immaculado!

Foi em vão que a propria marquezza prodigalisou a sua filha ás caricias mais ternas: ella guardava um silencio feroz, e nada contestava ás apaixonadas caricias de sua mãe.

Esta conduziu-a depois á habitação que occupava, fel-a sentar na cadeira que pouco antes occupara Julia, e tomando-lhe as mãos entre as suas, continuou de novo a fallar-lhe com ternura.

(Continua).

## SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

*Recordações e impressões de Viagem.*  
—*Las misiones catholicas.*—*Theologia moral.*—*O amor dos amores.*—*O medico illustrado.*—*Moda illustrada.*

Ha muito que esperavamos a segunda parte d'um livro sobre viagens, em que fallaramos aos leitores quando a primeira parte nos veio visitar. Cá a temos sobre a banca de trabalho, a desafiar-nos para uma segunda viagem por suas paginas, com essa rapidez com que o fizemos quando o correio a deixou cáhir em nossas mãos, juntamente com um monte de impressos e cartas, que abandonamos, e a que só attendemos quando lemos, no fim da pagina 125, estas palavras: *Corramos, pois, com a velocidade da via ferrea, para a grande e famosa cidade de Paris.*

Foi só aqui que podemos interromper a leitura de tão interessante escripto, e, digamol-o com essa franqueza que nós é propria, interrompemo-la porque entre a palavra *Paris* e o principio da 3.ª parte medeia a distancia que vai de Guimarães á Madeira, onde de certo estará já prompta a continuação, o que assaz desejamos.

O autor, com esse espirito do viajante que estudou no seu gabinete todas as terras que havia percorrer, guia-nos por toda a parte, descrevendo-nos os edificios, apontando-nos as datas de suas fundações, sem se esquecer da ordem de architectura a que pertencem, etc. Da Belgica, onde primeiro nos conduz, com o seu genio investigador, leva-nos atravez todas as cidades, villas e aldeias, não deix-

xando um ponto só, onde algum facto historico se tenha dado, que nos não mensione, até nos fazer parar nas margens do Reno, a que estão ligadas tantas recordações historicas desde as mais remotas idades.

Descrever os quadros magnificos que o auctor nos destende ante os olhos em todas as paginas do seu formoso livro tarefa é a que não podemos aspirar, que nos falta o genio de s. ex.º no mesmo tempo que abunda em nós a incompetencia para apreciar um livro firmado com o nome do dr. João Baptista de Freitas Leal, a que agradecemos o mimoso brinde.

Uma outra publicação, a todos os respeito importante é a que, sob a denominação de *Las Misiones Catholicas*, nos visita todas as quinzenas. Nas 24 paginas que compoem cada numero somos informados do movimento catholico nos vastissimos territorios onde operam esses intrepididos soldados da civilização, chamados missionarios.

As casas de educação erguidas por esses trabalhadores incançaveis; os templos por elles construidos; os grupos pittorescos, cheios de poesia, formados pelo missionario e pelos povos convertidos que o rodeam, são-nos dados em magnificas gravuras.

As provações de todos os generos porque passam os missionarios; os rasgos de heroismo por elles praticados, tudo é descripto em linguagem amena, e com dados que se não podem refutar, porque a verdade desponha de todos os artigos aclarando as mais rudes inteligencias.

Recommendar a sua leitura n'uma epocha em que o maravilhoso das lendas peja as paginas dos jornaes de viagens, é dever nosso como catholico.

Passando da leitura de viagens somos forçados a parar ante um fasciculo da mais seria das leituras, do 7.º da Theologia de Pedro Scavini, traducção portugueza, editada em Vizeu.

Apesar da morosidade com que esta publicação tem sido feita, o que é para sentir, está já o primeiro volume em paginas 560, e parece haver agora entrado n'uma epocha de mais acelerado andamento.

Deixamos o fasciculo 7 da theologia em que não somos profundamente versados, para fallar d'um livro que temos a agradecer á *Bibliotheca do Cura da Aldeia* e de que nos parece não ter fallado ainda. É o 3.º volume do *Amor dos amores*, romance prenhe de peripecias palpitantes de interesse, que se amontoam umas sobre outras, ameaçando uma completa confusão na mente do leitor. É es-

ta a leitura hoje mais do agrado da maior parte d'aquelles a quem apraz ao deleitoso passatempo de conversar com os livros, e por isso tambem nós lemos romances, se não para nos distrair, ao menos para indicar aos nossos leitores e especialmente ás leitoras, aquelles a que devem dar a preferencia. Este merece-a certamente, como todos os que firma o nome de Perez Escrich.

O *Medico illustrado!* outra publicação a embargar-nos a penna. Como estas papeladas se baralham ante nós, entrecalando-se o jornal de viagens com a theologia, esta com o romance, e o romance com a sciencia!

Que fraca ordem preside aqui. n'esta babel de papeis!

Mas vejamos, É' o numero 5, correspondente ao mez de maio, este que nos pede a nossa attenção. A primeira pagina dá-nos o retrato photographado do dr. Camara Leme, seguindo-se depois a biographia do notavel doutor em medicina. Dedicamos tambem algumas paginas ás festas de Camões, e depois occupa-se de medicina. No seu genero é esta uma das publicações unicas no nosso paiz.

Depois d'um jornal de medicina, que nos havia de apparecer? Um jornal de modas! Aqui é que não podemos de fórma alguma meter dente. Não, leitoras; assumpto é este que só a vós pertence, em que só vós podeis entrar. Fallar de modas eu, que se me caba a desgraça de entrar na sala onde alguma dama trabalha, sempre me acontece sair desesperado! Desespera sim, que para qualquer parte que me volte tremo ao ouvir um grito nas minhas costas, que me arripa, que me amedronta:—Olhe que me leva uma renda preza a uma perna! Se olho para quem soltou o grito, outro já se faz ouvir:—que desastrado, lá vae arrastar um pedaço de tul!

Por isso não fallo em modas. Para satisfazer a curiosidade de VV. Ex.ªs e como agradecimento ao editor transcrevo o summario e ficaremos todos bem:

*Gravuras*: Trajo para praias—Oito modelos para chapéos.—Mantelete de verão (frente e costas).—Corpo-casquinho (frente e costas).—Vestido para visitas (frente e costas).—Trajo curto (frente e costas).—Trajo de creança.—Punho e cabeção para creança, feito em renda renascença.—Borbole-ta bordada a ponto cheio.—Renda de crochet e galão.—Renda de crochet, galão e minhardise.—Renda de rede bordada.—Tira bordada com casas.—Bordado com casas.—Entremedio a ponto cheio.—Bordado para charuteira.—Saco.—Cabeção e punhos. Rei de Roma—Duas rendas de rede

bordada.—Vestuario enfeitado com rendas.—Tira para cortinas e mobilia.—Enigma.

*Supplementos*: Figurinos coloridos.—Folha de moldes e debuchos.

*Artigos*—Correio da moda—Á sombra dos lilazes.—Livros novos.—Moda para homens.—Camões e as mulheres portuguezas.—Do relance.—Entre-actos.—O romance da *Moda*.—O toncador.—O pregueador magico.—Os Lusíadas (edição Biel, do Porto).—Mil e uma receitas—Correspondencia—Passa tempo.

Assigna-se na Empreza Horas Romanticas, rua da Atalaia, 42 1.º andar Lisboa, e em Guimarães na livraria de Teixeira de Freitas.

E ficamos por aqui, receiando deparar com outra publicação sobre que nada possamos dizer.

F. DE GUIMARÃES

## RETROSPECTO DA QUINZENA

Vae epocha para as grandes farçadas politicas. As jornalidades dos nossos jornalistas empregaram-se todas no ser viço do tricentenario, e com piroctas troanescas vieram fazer pirraças aos catholicos portuguezes, descrevendolhe, em phrases bombasticas, os festejos carnavalescos com que quizeram festejar o anniversario da morte de Camões. Que pode importar aos catholicos as *practiões* civicas, a que o povo assiste como espectador, tal como assistiria a qualquer comedia espectacular, celebrada em plena praça publica, tendo por actores os *typos* mais graduados do estado! Que vallo isso, que é essa tola manifestação de seitas amorticidas em face das manifestações que todos os dias está dando o nosso povo, de respeito e enthusiasmo religioso para com as festividades catholicas?

Ainda não ha muitos dias, (foi no dia 20 do corrente) que Guimarães presenciou um spectaculo grande, magnifico, imponente, que todos os annos se patenteia aos olhos dos curiosos nas praças e ruas da velha corte de D. Henrique.

São os povos de vinte freguezias que em devota peregrinação, veem a esta cidade, conduzindo em garrido andor a sagrada imagem da Santissima Virgem, cumprindo assim um voto que em remotas eras fizeram, e que até hoje, atravez as oscilações sociaes, não tem deixado de cumprir esse voto, que fizeram perante a Virgem em meio d'um d'esses flagelos que mais

de perto affigem a humanidade - a fome, e que ella, a pobre humanidade, só encontra linitivo, e remedio para tal desgraça, cahindo de joelhos ante os sagrados altares e implorando a protecção divina.

E elle ali vem todos os annos, o povo, (note bem o *Commercio de Portugal* e toda a camaradagem), o povo crente e respeitador das verdades e ensinamento da Egreja, de chapu na mão, d'uma distancia de perto-de duas leguas, em numero superior a seis mil pessoas, em devota romagem ao vetusto templo de Santa Maria da Oliveira, onde espõe á veneração dos vimaranenses a sagrada imagem da sua devoção.

E como é bello, formoso, poetico. ver essas seis mil pessoas, homens, mulheres, creanças, com os seus vestidos de festa, percorrer as ruas da cidade, enchendo todas as praças, com a alegria estampada no rosto, contentes por haverem cumprido um dever, por terem pago, perante Deus, uma divida que seus antepassados lhe deixaram como herança!

E depois das tres horas, elles lá vão, os devotos da Senhora da Lapinha, atravessando a cidade, em caminho para a capellinha d'onde sahiram.

E o povo de Guimarães, todo o povo de Guimarães (notem os *Commerciarios*) vao acompanhar té fóra da cidade a devota romaria, elevando-se então o numero das pessoas que forma a procissão, a uma cifra consideravelmente espantosa.

E as damas que abrillantam as janellas, e as que vão ao *vota fóra*, e essa multidão immensa que deixa suas casus para ir ver a *Lapinha* não tem lido pomposos programmas nos jornaes; não foram convidados pelo bando aparatoso do senado; não foram despertados pelo repicar dos sinos, pelas harmonias das musicas, pelo estourar dos foguetes ao romper d'alva, e com tudo lá foram, impellido pelo desejo de se associarem ao contentamento de um povo, que atravessa uma cidade, em pleno seculo dezanove, com uma procissão catholica, guardando todas as tradições da procissão que seus maiores fizeram ha seculos!

E não havia arcos triumphaes, não se viam pendentes balões venezianos, não se erguiam tribunas, nem havia aparato official e a maça era compacta, imponente, magestosa, mais magestosa por certo que a decantada procissão civica que se fizera para insultar Camões. E dizemos mais impunente, porque no prestito hia a imagem da Virgem, dezenas de cruces e bandeiras, e o povo, ainda que não de casaca, hia descoberto!

D'aqui podem concluir os que tudo querem fazer *sem padres, e sem licença do Papa*, que o nosso povo é Catholico Apostolico Romano, e que regeita, com essa altivez que lhe é propria, todas as patacoadas que a geringonça maçonisante lhe quer impor.

Procurae outro paiz, mais azado para exhibires vossas troanices, que n'oste, onde o povo se embalára com o nome de Deus e da Virgem, nada podeis.

E nada podem, ainda que façam entrar na *companhia* o bello sexo. Porque já vae entrando tambem essa metade do genero humano, que tantos serviços pode prestar em meio da familia, e a quem a Revolução arrasta para o tablado onde põe em scena as suas *festas*, com que faz rir os estrangeiros de quem se dizem correligionarios. Porque, desenganem-nos; lá fóra, os verdadeiros republicanos, riem-se dos republicanos portuguezes; e os positivistas, esses nem se riem dos *positivistas* de cá, por terem a certeza de que nem ao menos conhecem ainda o positivismo: são como os rapazes que veem para as praças publicas *querer macaquear os arlequins que viram no circo*.

Mas provemos que tambem as saias entram na festa, transcrevendo do nosso esclarecido collega lisbonense, a *Nação*, o seguinte:

«Sem que o director tecnico do theatro da Trindade houvesse recebido previo aviso, apresentou se hoje alli uma senhora que pela 1 hora da tarde, pretendia realisar uma conferencia no salão, que estava em arranjos para o concerto d'esta noite e para o de quarta feira. A conferente era acompanhada de algum povo. Como lhes fosse negada a entrada, armouse grande motim, e a conferente, trepando então a um banco ou mesa do botequim, *protestou em nome da republica!*

O snr. Francisco Palha prestou o salão da Trindade para que alli se fizesse umas preleções que tivessem por assumpto Camões, a sua vida, as suas obras, a sua época, etc, e esta prelectora, mudando as guardas á fechadura, como diz o seu povo, vinha fallar de coisas republicanas!

Assim que appareceram dois policias, foi-se dispersando a turba dos curiosos, e a *cidadã*, acompanhada por outra senhora, metteu-se n'un trem e foi para o centro republicano, a S. Paulo. Ahí declarou de voz em grito que faria amanhã a sua conferencia no salão da Trindade, dêsse por onde dêsse. Mas talvez não faça...

Ouvimos que a prelectora é irmã de um escriptor conhecido, e que se fa-

zia acompanhar pela esposa de um deputado portuense.»

Que mulher, santo Deus!

E' pena usar de saias uma tão distincta virago!

Tambem a elegante queria festejar o sentenario republicano! E talvez, quem sabe? fosse repetir que a festa se fazia sem padres, dando assim uma bofetada no esqueleto do autor dos *Lusiadas*, que teve por unico companheiro na hora final um frade!

Ouviremos o que a *Union Catolica* de Valencia nos diz a tal respeito. Esquecido (Camões) pela patria foi levado a um hospital onde morreu, som que se saiba em que dia do anno de 1579.

Nem os nobres seus iguaes, nem os poetas seus companheiros, nem os soldados seus camaradas, assistiram á sua morte, nem d'elle se lembraram. Unicamente um frade, um carmelita descalço, Frei José Indio, pôde escrever na capa d'um livro, que existia no convento dos carmelitas descalços de Guadalajara o seguinte:

— Que cousa mais digna de lastima que ver um tão grande engenho mal recompensado! Eu o vi morrer em um hospital de Lisboa, sem ter uma manta com que se cobrir, depois de haver triumphado na India e no Oriente e de haver navegado 5:500 leguas! Que grande aviso para os que se cançam de dia e noite estudando para depois alcançarem tanto como a aranha que urde as teias para só caçar moscas!

Não sabiam isto os troões da festa? Pois fiquem sabendo, que o unico amigo que fechou os olhos de Camões foi um frade!

E, já que fazemos uma transcrição d'um jornal hespanhol, seja-nos dado fazer mais uma da *Ilustracion Catholica*, de Madrid:

«Os periodicos portuguezes que recebemos, veem estes dias muito tardados, muito entusiasmados por motivo das festas celebradas em Lisboa nos dias 9, 10 e 11 do corrente, comemorando o terceiro centenario de Camões.

Este insigne poeta, que cantou em formosos versos a expedição de Vasco da Gama á India, e os triumphos que alli alcançou a cruz entre os idolatras que povoavam os bosques, era, segundo parece, oriundo de Galiza, e, por tanto sua gloria reflectiu tambem sobre Hispanha irmã de Portugal.

Muitos celebram hoje a gloria de Camões, que não seguem a sua fé, nem imitam seu patriotismo; porque n'estes desgraçados tempos tem se mudado as ideias e se desfazem com a mão os monumentos que se encarecem com os labios.»

Que bem conhece este nosso collega madrileno, não só Camões, como os que lhe fazem festas!!

Um jornal de Lisbor, cujo nome não vem ao caso, publicou ha dias a seguinte noticia:

«*Communhão do infante D. Affonso Henriques.*—Está sendo ornada com muito esplendor a capella do paço da Ajuda para a cerimonia da communhão do sr. infante D. Affonso Henriques.

N'este dia todos os portuguezes de vem pôr luminarias por tão fausto motivo. Os ars. priores que se não esqueçam dos repiques dos sinos.

Ora, adeus...

Ora adeus que? Então quando quer o colleha que se engrinaldem os paços dos nossos reis? Para quando quer as luminarias e os repiques dos sinos? As festas nacionaes serão só os anniversarios da carta, o desembarque no Mindello, a entrada do exercito libertador em Lisboa?

Só serão dias de festa aquelles que nos recordam os mais tristes dias da nossa historia?

O collega queria antes que as festas do paço fossem guardadas para quando lá entrassem os farrapilhos, para colocarem na cabeça do joven príncipe o barrete phrigio, com que depois o levassem ao cadafalso. Isso quereria; mas ainda não é tempo, e nem sabemos quando o será.

A prova de que os ventos não sopram de feição para os homens do facho e do petroleo temola nas ultimas noticias que os jornaes nos dão acerca da França

Alli a opinião publica está de todo voltada para o lado onde as congregações religiosas esperam de pé firme o dia em que finde o prazo fatal, com essa tranquillidade que dá a consciencia de estar a coberta de todas as leis.

E a imprensa liberal de varios paizes não é assaz favoravel aos decretos injustos do governo da Republica.

Vejamos o que a *Epoca*, de Madrid nos diz acerca da questão religiosa na França.

«Dois successos importantes se prepararam em Pariz para o dia 14 de julho, anniversario da tomada da Bastilha: um, a distribuição das novas bandeiras ao exercito; outro, a promulgação da lei que concede ampla amnistia a todos os que a republica do sr. Thiers enviou para terras longinquas por causa dos crimes commettidos pela communa.

Outro facto tambem importante deve realizar-se a 29 de junho, dia em

que, em nome da liberdade, terão de submeter-se os estabelecimentos piedosos ás duras prescripções decretadas. Nunca, nem mesmo tratando-se de opiniões contrarias á nossa, defendemos a resistencia á lei; mas a lei que a paixão do partido inspirou aos legisladores francezes não pôde deixar de resoar dolorosamente no animo dos que se consagram á vida contemplativa, quer á pratica das mais nobres e caritativas acções, sendo muito notavel, como observa o *Figaro*, que entre todas as congregações religiosas tenha reinado tão admiravel unanimidade para seguir o mesmo caminho, unanimidade que se estende a todo o episcopado, a todos os cren-

tes. Liberaes illustres, livres pensadores como Vacherot, como Laboulaye, como Simon, como Dufaure, não tibiem em occupar um pnto entre os combatentes ao lado de Chesnelong, do duque de Broglie, do sr. Duruy, enquanto que outro republicano, o sr. Castellar, levanta a sua voz eloquente d'este lado dos Pyreneos.

Enquanto se dá batalha, milhares de chefes de familia acudiram ao senado com exposições, que a camara alta terá de examinar, e a opinião publica tem á sua disposição dois documentos da mais alta importancia: um d'elles é a consulta de diversos jornalistas eminentes; o outro, o *memorandum* colectivo das corporações.

A consulta do sr. Rousse e de outros jurisconsultos occupa 300 paginas, e trata a fundo todos os pontos relativos ao litigio.

E' um trabalho importante, de que se deu conhecimento a todas as associações de advogados, cuja adhesão se espera para ser publicada.

O *memorandum* é tambem muito extenso. A parte historica das congregações, a qualidade e importancia dos serviços que prestam, absorvem a parte principal. Não se menciona o numero dos cartuxos, trapistas, irmãos do S. João de Deus, hospitaes dos dois sexos que ha em França, mas tambem o numero dos hectares que cultivam, as creanças que educam, os orphãos recolhidos, os velhos e enfermos albergados, os cegos, surdos-mudos e dementes que são auxiliados pelas congregações.

Não se pôde, realmente, dar melhor razão da sua existencia do que o bem modestamente praticado durante longo espaço de tempo.

O *Figaro* cita palavras d'um illustro religioso: «Se n s negamos a submeter os nossos estatutos e as nossas obras á apreciação da camara, se cremos não ter necessidade do ser re-

Outro facto curioso é o de que não chegue á Argelia a execução dos decretos. O arcebispo de Argel fez saber que não poderiam continuar os trabalhos de saniamento dos trapistas de Statoueli, nem o ensino dos melhores systemas de cultura.

Continuarão, pois, os missionarios expondo a sua vida entre as tribunas selvagens para préggar as verdades augustas do catholicismo; continuarão os *Irmãos* e as *Irmãs* recolhendo orphãos e desvalidos, dando-se o espectáculo de em terra africana ser licito o que em terra franceza prohibem as mesmas auctoridades.

Falla o *Figaro* da existencia d'um projecto que consistia em reconhecer espontaneamente as corporações; mas isto exigia uma lei que as camaras não votariam, e uma petição dos interessados que estes não queriam assignar. O direito commum parece a estes preferivel, e o direito commum é o que se viola dissolvendo-as e dispersando-as.

Por isso o *Figaro* recorda aquella exclamação de Guizot: «Etaes mettidos n'um dilemma; commetter um crime ou fazer uma loucura;» e pergunta se no dia 29 d'este mez não commetterá o governo até um crime para evitar um retrocesso.

Os bem informados asseguram que o sr. Freycinet não tenciona exagerar; talvez a amnistia completa seja a presa lançada ao revolucionarios para contental-os; mas haverá alguém capaz de presnimir quando principiarem as concessões até onde poderão chegar?

A este respeito diz ainda a *Epoca*: «Abrir as portas da França aos sentenciados por crimes cuja lembrança faz ainda estremecer a humanidade, e expulsar de França as comunidades religiosas entregues ao ensino, são dois factos caracteristicos que pintam muito ao vivo as correntes deleterias que hoje predominam nas regiões officiaes da vizinha republica.»

Quando se pensa d'esta fórma acerca da Republica lá por fóra, como quer o collega lisbonense que se deixe cair o barrete vermelho na cabeça do infante D. Affonso Henriques, antes que as aguas do Baptismo?

J. DE FREITAS.

## FOME NA IRLANDA

Subscrição aberta por esta redacção.

Transporte do n.º 16. 85\$400 (Continua aberta).